
GRACE
MARILYN
MONROE

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA E IMPRESSÃO OFFSET DA FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

Marilyn Monroe

POUCAS actrizes, para não dizer nenhuma, brilham no firmamento de Hollywood com luz tão fúlgida como a explosiva rainha do «sex-appeal» Marilyn Monroe. Mas também nenhuma teve uns princípios tão difíceis como a loira Marilyn.

A que açambarca a atenção cinematográfica mundial, hoje em dia, sofreu imensas contrariedades e reveses de fortuna antes de lograr assegurar a sua existência e chegar ao «estrelato». E a estrela que agora brilha para ela com toda a luz foi na sua infância e adolescência de uma negra obscuridade.

A luta pela vida foi tremenda. Basta considerar que aos dois anos de idade, em 1930, morria o seu pai, vítima de acidente. Em consequência disso, a sua mãe, Gladys Baker, que amava loucamente o seu marido, sofria os primeiros transtornos mentais e devia ser internada em sanatórios e estabelecimentos de repouso para cuidar a sua desequilibrada razão.

Norma Jean Baker, que se converteria mais tarde em Marilyn Monroe, ficou órfã aos cinco anos de idade.

Uma amiga de Gladys Baker tomou a seu cargo a menina; mas em breve se encontrou impossibilitada, por questões económicas, de continuar a manter a pequena Norma, ven-

O mundo celebrizou-a — mas ela sempre precisou de lutar contra ele...

ÁLBUM DOS ARTISTAS
(2.º Volume — Fasc. 7.º)
Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (Irmãos), Ltd.ª, Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



A atitude premeditadamente sofisticada com que Marilyn conquistou milhões de admiradores...

do-se na obrigação de deixá-la num orfanato de Los Angeles, cidade em que ela havia nascido em Junho de 1928.

Ali, Norma sofreu, física e moralmente, o triste signo das crianças abandonadas e sem carinho, cuja sonhadora fantasia vê truncadas as suas melhores ilusões pelos contínuos e duros golpes da sorte.

Tirou-a do orfanato a senhora Lower, que tratou Norma como uma filha, não se poupando aos maiores cuidados, fazendo todo o possível para suavisar a amargura da sua desgraça.

No orfanato havia-se formado na futura «estrela» um temperamento arisco e ressentido, influído pelo ambiente desabrido onde vivia. A sua protectora consegue que este carácter se torne mais aberto e comunicativo. Confia a sua educação a um bom colégio, onde a pequena se vê rodeada de excelentes amigas, com as quais interpreta diversos papéis no teatro da escola.

Quando a vida parecia que começava a sorrir-lhe e se apresentava um futuro tranquilo e feliz junto àquela família, a desgraça assestou-lhe um novo golpe.

Em 1941, a desdita voltou a apoderar-se da infeliz Norma. A senhora Lower cai gravemente enferma, e não pode prosseguir a sua benéfica acção, pelo que Norma deve voltar àquele orfanato que tanta influência teve no seu carácter. Mas este período pouco durou. A direcção confia-a a outros pais adoptivos, que lhe fazem continuar os seus estudos.

Pouco depois, em 1943, está novamente abandonada. Os seus novos pais devem partir para longe, sem que exista a possibilidade de levá-la com eles.

Depara-se, aos quinze anos, só mais uma vez, ante a perspectiva de voltar ao orfanato ou a qualquer instituição onde sabe que não há-de encontrar nenhum carinho. A sua estrela negra, o seu destino fatal, volta a cair sobre ela. Norma encontra-se num irreprimível estado de desespero.

Não é raro que uma rapariga da sua idade, na sua situação, se agarre à primeira tábua de salvação que encontra à mão, e tal é o que faz Norma Jean Baker. A sua tábua de salvação é Tom Dougherty.

Tom é um bom rapaz, agradável e simpático, por quem Norma tomou grande afecto. Crê que este é o mesmo sentimento que o liga a ela. Se tivesse um pouco mais de experiência da vida, veria que os olhares de Tom e as suas expressões não são as de um simples amigo.

Como noutras ocasiões, passeiam pelos solitários jardinzitos de Country Park. Norma já conhece o seu novo destino, e chora desconsoladamente. Tom senta-a num banco e faz o possível para a acalmar.

— Não podes imaginar — dizia ela — o que é aquilo. Há muitíssima gente, mas encontramo-nos sós. É como quando vais pelo meio de uma multidão: empurram-te, cais, e ninguém faz caso de ti. Aquilo é espantoso. Ninguém te quer, tratam-te com um bicho sem alma.

— Não chores, Norma. Já és maior e não voltarás àquele lugar — responde Tom. — Não podem meter-te outra vez ali. Verás como tudo se arranja.

— Obrigado, Tom, por quereres consolar-me. Mas, já vês, estou só e não tenho outro remédio. Não tenho outro sítio para onde ir. Ao fim e ao cabo a vida é triste, mas não desesperada — replicou, um pouco resignada.

— Tu não voltarás, Norma. Não o tolerarei. Asseguro-te — protesta Tom. E continuou, com um nó na garganta: — Virás para minha casa.

— Isso é impossível, Tom — replica ela. — Ali não querem uma intrusa como eu, a pequena Norma.

— Talvez não queiram a pequena Norma Jean Baker. Mas sim a senhora Norma Dougherty — diz, enèrgicamente, Tom. E logo, dulcificando a voz, pergunta: — Queres casar-te comigo, Norma?

Norma não viu outro caminho para escapar ao seu destino fatal do que aquela boda que a punha à altura das demais pessoas normais, que, pelo facto de terem uma família, tinham uma segurança e bem-estar que ela nunca havia conhecido.

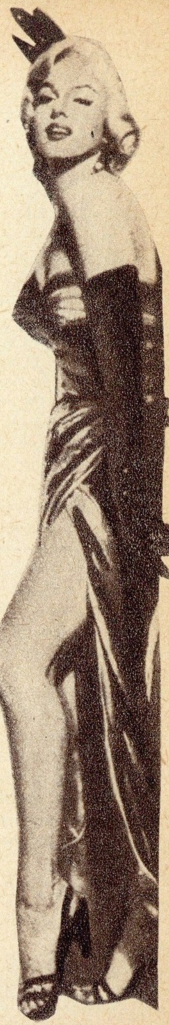
Não foi o amor que a impulsionou ao matrimónio, mas a necessidade de se ver respeitada e rodeada de carinho, tendo o seu lugar definido na sociedade. Ela mesmo confessou, mais tarde, que isto foi o que a levou a aceitar Tom, juntamente com a simpatia e o afecto que ele tão desinteressadamente lhe oferecia.

Mas estas razões não eram suficientes para unir duas pessoas por largo tempo. A separação deu-se no ano seguinte, sem nenhuma violência e com o assentimento de ambas as partes.

Aos dezasseis anos vê-se livre e novamente só, mas com a segurança em si mesma que antes lhe faltava. Agora sente-se capaz para trabalhar e ganhar a vida modestamente e com a completa independência.

Entra numa fábrica dedicada à confecção de pára-quedas. Mas isto dá-lhe umas perspectivas muito limitadas, e tem que servir de modelo para fotografias, algumas das quais aparecem na capa de diversas revistas. Consegue um notável êxito, mas um escasso benefício económico.

Norma fala com as restantes modelos, de vez em quando, e vê em todas elas o desejo de irem para Hollywood e serem «estrelas». Vai-se contagiando com estes anseios. Ela tam-



bém sonha com uma casita em Beverly Hills e com o êxito e a admiração.

Os seus sonhos tornam-se mais insistentes quando a sua amiga íntima, Bret, que conseguiu actuar nalguns curtos papéis em películas da «Fox», lhe promete que arranjará trabalho para ela.

Norma cai doente e convalesce numa clínica. Bret visita-a, levando-lhe a grande notícia: trabalharão juntas.

Ao entrar na clínica, Bret encontra num dos corredores o célebre produtor Howard Hughes. Tem uma perna engessada em consequência de um acidente de aviação. Conhecem-se há tempo e saúdam-se efusivamente. Apoiando-se na sua muleta, Howard segue a sua amiga à habitação de Norma.

— Consegui, Norma — grita Bret, ao entrar. — Dentro de poucos dias iremos aos estúdios. É pouca coisa, mas estamos no princípio. Ah! Apresento-te Howard Hughes.

Norma estacou, muda de emoção. Acaba de receber a grande notícia, e ao mesmo tempo apresentam-na a um magnate do cinema.

— Bret, tu não contas com os amigos — diz Howard, estendendo a mão à doente, de quem não afastou os olhos desde que entrou. — Uma preciosa rapariga como esta devias tê-la apresentado antes. Encantar-me-ia se trabalhasse comigo. Há que deixar a «Fox». Terá um futuro mais brilhante comigo.

Norma sorri, entusiasmada com as palavras do famoso personagem. De bom gosto iria com aquele homem tão cordial, mas sente-se demasiado agradecida e feliz pelos favores da sua amiga, e nega-se a separar-se dela.

— Sinto-o, senhor Hughes — diz — mas sempre tive a ilusão de actuar junto a Bret. Se soubesse quanto ela fez por mim!

Daí a poucos dias firmou contrato com a 20th Century Fox pelo prazo de um ano. Durante este tempo rodou uma pequena cena em «Scuda Hoo, Scuda Hay», cena que não se viu nos «écrans» porque foi suprimida na montagem.

Ao finalizar o contrato, passou umas semanas na Columbia, onde actuou noutro pequeno papel em «Ladies of the Chorus».

Havia deixado de «posar» para os fotógrafos de revistas. Os seus meios económicos eram reduzidos e passava por muitos apuros. Mas viu-se obrigada a firmar um novo contrato com a «Fox» a largo prazo, com pouca remuneração.

Em 1949 aparece em «Amor em Conserva», interpretando um breve «gag» com Groucho Marx. Para este papel procurou-se uma loira explosiva, e escolheu-se Marilyn, que contava 21 anos. Foi um pequeno êxito, mas dada a brevidade da sua actuação não teve transcendência, embora a fizesse conceber novas esperanças.

Parece que a sua negra estrela vai perdendo a obscuridade, e que os caminhos do cinema se vão abrindo para ela. Mas as dificuldades económicas persistem. Torna-se, a pouco e pouco, conhecida, mas não a reclamam para papéis importantes.

Em 1950 actua em duas grandes películas «Quando a cidade dorme» e «Eva». Interpreta personagens secundárias que lhe dão certo renome e são logo muito celebradas a fomentar o seu repentino passo para a popularidade. Este passo decisivo foi ocasionado por um facto casual, quando Marilyn menos o esperava.

Voltemos a 1949. Marilyn é uma actriz de escassa importância, e de igual ou menor importância são os seus triunfos. Sucedem-se as dificuldades para atender a sua subsistência. A vida resulta caríssima ao ver-se na obrigação de manter um ritmo de vida à altura das célebres «estrelas», assistindo a festas e acudindo a todas as partes para fazer-se conhecer e procurar a devida importância em busca da grande oportunidade.

Para isso necessita vestir-se com a elegância resplandecente que caracteriza as «estrelas» de Hollywood, o que ocasiona uns gastos que excedem os seus proventos. Deve privar-se de muitas coisas para atender às exigências da sua profissão. Apesar da elegância dos seus vestidos e dos seus alardes de bem-estar, a economia de Marilyn é verdadeiramente desastrosa.



É este o verdadeiro rosto de Marilyn Monroe — a expressão simples e triste da pobre rapariga marcada por uma infância e adolescência atormentadas. A outra personalidade foi o resultado da necessidade de vencer num mundo materialista e frívolo...

Vê-se atormentada pelas dívidas e aguarda que o seu crédito acabe em todas as partes. Isto obriga-a a adoptar uma medida que a irrita enormemente: «posar» de novo como modelo.

Tom Kelly é o mais famoso fotógrafo de Hollywood. Marilyn vai a sua casa, vencendo uma enorme repugância.



Tem sido árduo e ingrato o seu triunfo no mundo do cinema. Ela não quer ser (embora a princípio tenha precisado disso) a «vedeta» oca, de pernas sugestivas e decote sensacional. Mas todos se têm recusado a vê-la de outra maneira. Tímida por natureza, às vezes tocada pelo desânimo, Marilyn sorri sempre muito e toma poses de sedutora auto-segurança que escondem os seus problemas e hesitações.

— Tenho necessidade de dinheiro e quero «posar» para si — diz

Tom não responde uma palavra. Todas as actrizes passavam por sua casa. Às vezes dava-lhes trabalho, mas não podia acolhê-las a todas se não queria arruinar-se.

Quando vê Marilyn, compreende que se encontra ante um modelo excepcional. Vê nela a oportunidade para os seus maiores êxitos.

— Esta rapariga vem a ser uma explosão de dinamite; é algo de formidável — diz em segredo a sua esposa e ajudante, Natália Grasco. Esta, quando a vê, dirige-lhe um olhar de assentimento.

Marilyn revela umas condições magníficas para o trabalho. Possui uma paciência sem limites para repetir inúmeras vezes as poses ordenadas por Tom. As sessões prolongam-se horas, sem que o cansaço ou o aborrecimento consigam afastar o sorriso dos seus lábios.

Agora, quando Marilyn forma ao lado das «estrelas» mais famosas do mundo, Tom recorda com nostalgia aquele modelo que um dia foi pedir-lhe trabalho e o fascinou desde o primeiro momento.

— Era algo único — diz às nuvens de jornalistas que o assaltam em busca de notícias da «estrela». — Extraordinária, um prodígio da natureza. Constante, efectiva, de uma grande intuição...

E Tom estende-se num sem-fim de elogios.

Em certa ocasião, o fotógrafo disse ao seu modelo:

— Devias «posar» nua. Será uma prova artística, faz parte deste ofício. Tu és a única que não «posou» assim.

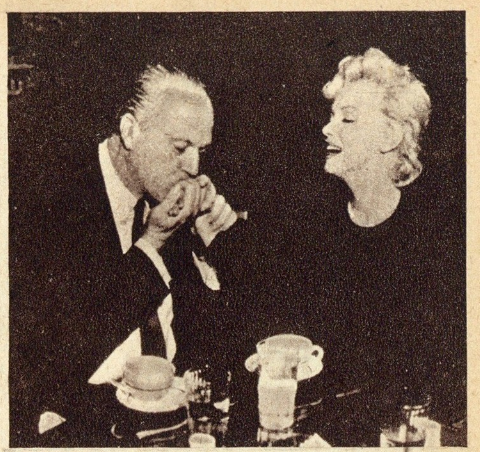
Marilyn negou-se, um pouco envergonhada, e seguiram o seu trabalho habitual. Mas Tom não se deu por vencido e insistiu em repetidas ocasiões. Cada vez as negativas resultavam menos enérgicas.

Um dia Tom agarrou o telefone para atender uma chamada.

— Tom — escutou no extremo do fio. — Ganhaste, «posarei» para ti. Vou imediatamente.

Quando Marilyn «posou», Nadia advertiu-a que era a primeira vez que seu marido, um artista da câmara, se encontrava emocionado ante uma jovem, por mais perfeita que ela fosse.

A sessão durou mais de duas horas. Marilyn aparecia perfeita, magnífica. A sua beleza ruiva harmonizava maravilhosamente com o fundo vermelho que Tom havia preparado. Durante a sessão poderia ouvir-se, no estúdio, o voo duma mosca.



A revolta de Marilyn contra os estúdios da «Fox», trouxe-lhe, entre outras vantagens, o direito de escolher os realizadores para os seus filmes. A primeira película nessas condições foi «Paragem de Autocarros», dirigida por Joshua Logan, que vemos aqui a beijar a mão da «estrela».

Tom parecia que acabava de começar, e já há duas horas que Marilyn «posava» com o sorriso nos lábios.

— Será qualquer coisa de excepcional! — confessou logo a Natália.

Mas foi mais excepcional do que ele pensara.

Em 1951 apareceu o retrato de Marilyn, que lhe deu renome universal. Tom Kelley editou um calendário com a foto em que a «estrela» se via numa posição graciosa e alada que, apesar da sua ingenuidade e de todas as considerações estéticas, não podia dissimular os encantos de Marilyn.

Tom esperava daquele calendário um grande êxito, talvez o maior da sua vida, mas nunca houvera imaginado o que sucedeu. Dias depois, todos os jornais reproduziam a fotografia, fazendo extensos



Numa festa de caridade, Marilyn dança e exibe o seu sorriso.

comentários acerca do impressionante modelo. Caiu como uma verdadeira bomba.

O célebre fotógrafo não podia explicar o fabuloso êxito obtido. Em poucos meses, em todos os cantos do país, em lojas, livrarias, escritórios, o calendário ocupava lugar de destaque.

Desde aquele momento, Marilyn situa-se no plano de actualidade e de interesse mundial que não abandonou. Naquela ocasião, passa a ser e continua sendo, uma das personagens mais populares dos Estados Unidos.

Continua a projectar-se «Quando a cidade dorme», em que Marilyn, num curto papel, brilha na sua deslumbrante beleza. O público reconhece-a como o modelo do calendário, e a película alcança uma enorme expansão.

Neste momento a «Fox» reage e dá-se conta da mina de ouro que tem por explorar. Confiam-se a Marilyn papéis de primeira categoria, especulando com a sua popularidade.

Anteriormente, só rodou pequenos papéis, em que passou despercebida, até chegar a «Quando a cidade dorme», que coincide com a publicação do famoso calendário.

Marilyn chegou à fama de repente, com uma rapidez vertiginosa que a desconcertou-a tanto como à «Fox». Mas esta quer aproveitar imediatamente o tempo perdido e, desde este momento, impõe a Marilyn um ritmo de trabalho esgotante.

As películas sucedem-se ràpidamente: «Clash by night», «Don't Bother to Knoch», «Não estamos casados», «Quatro páginas da vida», «O Pecado mora ao lado», «Niagara», «Como casar-se com um milionário», «Os homens preferem as loiras», «Rio sem regresso». Desde 1951, a actividade de Marilyn tem sido contínua e todas as suas actuações têm sido coroadas por ressonantes êxitos económicos, que a situaram à cabeça das «estrelas» famosas da «Fox» e a converteram no dolo amimado de todos os públicos.

Chegou ao auge da fama e da fortuna, mas não se sente feliz. Marilyn é invejada por esposas, estudantes, jovens, «estrelas»... milhões e milhões de mulheres, porque ela possui muitas coisas: a adulação do mundo, 30.000 cartas apaixonadas por mês, um contrato pelo qual recebe 200.000 dólares por película, uma exagerada quantidade de imitadoras, uma fantástica casa, um impressionante «Cadillac», uma piscina particular e, sobretudo, milhares de homens que a admiram muito acima das outras mulheres.

Disse-se que numas eleições, a Marilyn dar-se-iam cinquenta por cento de votos a favor e cinquenta por cento contra. A favor iriam todos os homens, e contra todas as mulheres.

É engraçado que «estrelas» de grande categoria hajam empanado a sua fama, atacando-a, tornando-se claro que o motivo das suas palavras desagradáveis foram a inveja e o despeito.

Vemos Zsa Zsa Gabor proibir o seu marido, George Sanders, depois de o ter visto trabalhar com Marilyn em «Eva», de voltar a dirigir-lhe a palavra.

A famosíssima Mistinguett, durante tantos anos rainha de variedades, cujas pernas foram célebres em todo o mundo como modelo de perfeição, também sentiu a punhalada da inveja, que a levou a dizer:

— A Monroe não mostra nunca bem as suas pernas. Parece que esconde sempre qualquer coisa. A mim não me preocupava que me olhassem de qualquer ângulo.

Vê-se que muitas mulheres não compreendem que o encanto de Marilyn irradia de toda a sua pessoa e não de qualquer parte do seu corpo.

O choque mais famoso foi o de Joan Crawford. A veterana actriz confessou uma ocasião aos jornalistas:

— Vestindo-se dessa forma descarada, com esses vestidos tão decotados e andando com esses ademanes, qualquer mulher triunfaria. Mas uma verdadeira artista deve triunfar pelo seu talento e não pela sua figura.

Ao que Marilyn contestou com grande ironia:

— Quando tiver a idade de Joan Crawford então me preocuparei com o meu talento, mas agora o público quer-me assim, e assim me hei-de apresentar diante dele.

E negou-se a Marilyn todo o talento. Em Hollyood, as mulheres falam dela, chamando-lhe a «estúpida Monroe». Mas isso é o fruto da inveja. É o desfecho do mito de que a mulher loira é estúpida.

Como é natural, dado o seu irresistível atractivo, que é, em primeiro lugar, o motivo do seu triunfo, a «Fox» proporcionou-lhe sempre papéis em que este atractivo se pôs em relevo, sacrificando todas as suas condições dramáticas.

O pior para ela é que os homens não buscaram precisamente o seu talento; contentaram-se com o seu fascinante «sex-appeal», e não se preocuparam mais. As mulheres, pelo contrário, prescindiram da sua beleza e negaram-lhe o talento sem lhe dar ocasião para o demonstrar.

Mas existe a opinião autorizada de Natasha Lytess, professora de arte dramática, que deu lições a Marilyn e às melhores «estrelas» americanas:

— Marilyn possui uma grande inteligência — afirma Natasha. — Mas a sua beleza supera a sua inteligência, obscurecendo-a. Se fosse menos formosa dir-se-ia que é extremamente esperta.

Marilyn convenceu-se de que não pode diminuir a antipatia que lhe professa o sexo feminino, e paga-lhe com igual moeda. Decididamente, prefere os homens.

— Eu quero os homens — disse. — Eles compreendem-me.

Esta confissão, mostrando o seu carácter sincero e directo, não lhe perdoam as



Joan Crawford insurgiu-se sèriamente contra os vestidos justos e extremamente decotados com que Marilyn aparece muitas vezes em público. No entanto, hoje são amigas.

mulheres. Para elas é um insulto. Deste temperamento saiu, de facto, as diversas manifestações que provocaram a indignação feminina em Hollywood.

— «Posei» nua para um calendário porque não tinha dinheiro — confessou.

Em certa ocasião, um jornalista fez-lhe a clássica pergunta sobre as medidas exactas do seu corpo. Ela respondeu:

— 92,5 centímetros de busto; 59 centímetros de cintura e 87,5 de ancas.

— É raro! — comentou o jornalista, incrédulo. — Tinha ouvido falar de 87,5 cm. de busto sòmente.

— Não acredita? — perguntou, decidida, Marilyn. — Pois meça-o você próprio.

Ele titubeou um momento, mas agarrou num metro e acercou-se dela. Mediu 97,5 cm. de busto, mais do que havia dito Marilyn.

— Vê! — exclama a actriz. — É como eu lhe disse. Se mediu mais é porque estava nervoso.

Isto, que os homens interpretam como demonstração do seu temperamento sincero, as mulheres consideram como uma provocação. Desde então a declaram a pessoa menos grata de sempre.

Mas, apesar desta raiva que se lhe professa, o «monroísmo» triunfou nos Estados Unidos. As mulheres não podem subtrair-se à influência da loira «estrela» e adoptam, ou intentam adoptar, as suas formas sugestivas, copiam o seu andar felino que tanta atracção produz nos homens, imitam a posição provocadora dos seus lábios entreabertos, e vestem-se como ela, procurando uma parecença perfeita, sem dúvida com a intenção de lograr o que Marilyn consegue com tanta facilidade.

— Os homens pescam-se como os peixes — afirma. — Ùnicamente é preciso deixá-los falar e dizer que sim a tudo, para que se sintam admirados e compreendidos. É um remédio infalível, porque então crêem que se é inteligente e compreensiva.

Assim se vê uma das qualidades de Marilyn, pouco habitual nas pessoas do seu sexo, e que é saber calar. Ainda que sem ela, cremos que «pescaria os homens como os peixes» da mesma maneira.

Algumas das suas imitadoras tornaram-se famosas. Nos próprios Estados Unidos, Mamie Van Doren copiou-a nos mínimos pormenores, alcançando uma notória popularidade, ainda que careça da originalidade de Marilyn.

Na Inglaterra, a mais qualificada «monroista» é Diana Dors. E até no Japão, a actriz Keiko Awji foi apresentada com o título de «A Marilyn Monroe nipónica».

E a fama de Marilyn estendeu-se pelo mundo inteiro. A sua formosura, o seu ar provocante, a sua simpatia, cativaram os homens de todas as raças e continentes. E suscitaram as antipatias de outras tantas mulheres.

Em Hollywood, Marilyn aparece pouco em público. A sua presença em qualquer festa ou em qualquer clube dá origem a hábeis manobras por parte das senhoras para apartar os maridos dela.

As donas de casa, ao confeccionar as listas de convidados para qualquer festa, omitem sempre o seu nome. Falta que os maridos cuidam de sanar com toda a prontidão.

Mas resulta aborrecido para Marilyn aceitar estes convites, que ocasionam situações violentas, que deixam em seu coração notas de amargura. Por isso renuncia quase sempre a assistir aos «cocktails», para não desgostar as esposas zelosas que, quando ela aparece, apertam com força os braços de seus maridos, temerosas de que se desencadeie neles o entusiasmo que despertou em tantos homens.

Como exemplo disso, referimo-nos a um facto sucedido numa noite de verão em que, por causa do calor abafado, Marilyn dormia na sua casa com a janela aberta. Ouviu um ruído e despertou, assustada, ao ver que um homem penetrava na sua habitação pela janela aberta. Marilyn saiu, correndo, e chamou os vizinhos. O intruso foi preso.

No dia seguinte apresentaram-se dois agentes dizendo-lhe que aquele homem era um polícia, e que se ela apresentasse denúncia seria expulso da corporação, condenando seus filhos à miséria. Levada pelo seu bom coração, Marilyn perdoou, fazendo com que o facto não transpirasse.

Apesar desta paixão despertada nos homens, apesar das inúmeras cartas de amor recebidas diàriamente, marcando entrevistas, pedindo fotos ou oferecendo matrimónio, Marilyn não teve sorte no amor.

Casou-se com o seu primeiro marido quando estava só no mundo, vítima da falta de carinho que sempre sofreu. Tom Dougherty representou a salvação quando era uma pobre órfã, sem nenhum apoio na vida. Com Tom não conheceu o amor. Era simplesmente uma rapariguinha que buscava amparo, e encontrou-o.

Depois daquela boda, e antes de conhecer Di Maggio, Marilyn viveu dois idílios impossíveis: um homem amou-a loucamente, sem ser por ela correspondido. E ela amou outro que a enganou.

Johnny Hyde era o agente publicitário de Marilyn, que a lançou nos momentos em que ela necessitava de uma boa propaganda. Estava perdidamente enamorado de Marilyn; era uma das poucas pessoas com quem Marilyn aparecia nalgum clube nocturno de Hollywood ou de Beverly Hills, já que sempre que se via acompanhada era para tratar de assuntos profissionais.

Johnny era um génio da publicidade e organizou as campanhas fabulosas que fizeram de Marilyn uma das personagens mais fa-



Marilyn, que sempre foi incontestàvelmente bela, tinha, no entanto, antes de se tornar «estrela», um aspecto diferente. Os cabelos compridos, o sorriso espontâneo e sem preocupações de estilo, o ar lavado da rapariga que ainda não aprendeu a astúcia da sedução, faziam dela a jovem naturalmente graciosa com quem desejaria casar qualquer rapaz sonhador.

Como Devemos Ver Marilyn ?



1) A mulher lânguidamente sedutora, catalogada como a clássica «mulher fatal». Um tipo que Marilyn nunca pretendeu levar a sério.



2) E, em «Paragem de Autocarros», ela deu-nos uma adorável mistura de «mulher fatal» e rapariga tímida, provando que os encantos físicos não implicam uma personagem vazia...



3) A Marilyn Monroe da sociedade elegante: àparte a nota discutível (ou indiscutível...) dos seus muitos discutidos trajos, mostra-se sempre simpática, fisicamente exuberante, mas defectada e acessível.



4) O amplo sorriso de uma rapariga despretensiosa — a autêntica Marilyn.

Não é uma mulher fatal — é um conjunto de mulheres diversas todas fatalmente encantadoras...

5) Figura graciosa, olhar terno, expressão quase ingénua — nada de artificialismos nem pose. Isto também é Marilyn!





6) Perante este instantâneo, só poderíamos exclamar: «Afinal, Marilyn é, simplesmente, uma rapariga bonita!».



Anos atrás, quando serviu de modelo desnudado para ilustrações de calendários, Marilyn Monroe foi o prototipo, por execelência, da «pin-up» anónima. Uma inteligência incontestável e uma força de vontade férrea permitiram-lhe ascender ao plano das autênticas artistas e ganhar a categoria de personalidade importante, como o testemunha esta foto: numa «première» em Londres, a princesa Isabel cumprimenta a famosa «estrela». Hoje, Marilyn vale 15.000 dólares por semana.

mosas do mundo. Apresentava a sua amada muito melhor do que ela era: como ele a sonhava.

Marilyn não sentia por ele mais do que o agradecimento, a simpatia e o afecto que a ligava a quantos a ajudavam. Johnny pediu-a em casamento repetidas vezes.

— Não, Johnny — respondia ela. — Tu serás sempre o meu melhor amigo, mas resultaria um matrimónio desgraçado. Não estou enamorada de ti. Sinto-o, Johnny, mas não posso aceitar.

Ele morreu pouco depois, de um colapso cardíaco. Marilyn chorou desconsoladamente a perca do seu sincero amigo, que ela contava entre os poucos verdadeiros e desinteressados.

Este amor impossível vem seguido de outro. Marilyn enamorou-se dum actor do estúdio. Ele era casado, e Marilyn não quis revelar nunca o seu nome para evitar desgostos familiares.

O novo amor tem um tom romântico, dado o segredo do mesmo, que impediu conhecer qualquer pormenor, excepto os que contou a própria Marilyn.

— O idílio durou muitos meses — diz. — Quando nos viamos, eu sentia uma emoção extraordinária. Parecia que um nó me estrangulava a garganta. Sentia-me perdidamente feliz, parecia estar numa eterna primavera. Parecia-me que até então não havia conhecido o amor, nem havia aprendido a gozar a vida. Quando ele se divorciou, pensei que ia chegar o momento da minha completa felicidade. Mas ele não tinha a intenção de casar-se comigo. Cedo vi que nas suas palavras havia certa falsidade, mentia ao dizer-me que me amava.

Quando cheguei a esta conclusão senti-me desesperada e chorei diante dele, que se riu cìnicamente das minhas lágrimas. Compreendi que não podia ser feliz

com um homem que não tinha coração, por muito que o amasse.

Durante uma temporada, Marilyn sentiu-se atraída por Marlon Brando, se bem que o excêntrico actor não lhe prestou a menor atenção. Ela, que não queria fazer um papel ridículo perseguindo um homem a quem os seus encantos nenhum afecto produzia, soube refrear-se a tempo e voltou as costas com indiferença — real ou fingida — ao célebre protagonista de «Há lodo no cais».

Aparte estes amores impossíveis, ignora-se se antes Marilyn sofreu os assédios de Cupido. Mas há que supor que desde que é «estrela» famosa, não tem sido assim, porque a Imprensa tem estado pendente dos seus passos e conhecem-se os mínimos pormenores da sua vida.

Junho de 1952 é um mês transcendental na vida privada de Marilyn. Filma, então, «A culpa foi do macaco», com Cary Grant e Ginger Rogers.

Uma tarde, David March, companheiro de estúdio, diz-lhe:

— Sempre te estás queixando da dificuldade que há em encontrar um jovem agradável em Hollywood.

— Assim é — replicou Marilyn. — É absolutamente certo.

— Bem, tenho um galã para te apresentar esta noite. Estou certo de que gostarás, e ele também.

Picada pela curiosidade, Marilyn perguntou:

— É actor ou agente de espectáculos?

— Nada disso — responde misteriosamente David. — É o homem mais doce que existe neste lado do Mississipi. Palavra! Espero-te às oito; encontrar-nos-emos em «Villanova».

«Vilanova» é um daqueles restaurantes italianos de meia luz, com garrafas de «Chianti» e pratos de «spaghetti».

Joe Di Maggio, um dos maiores jogadores na história do «baseball», espera num ângulo do salão. David apresenta a Marilyn o homem alto, moreno, delgado de cara que, ao vê-los entrar, se levanta ràpidamente. Ambos sorriem comprazidos pela sua sorte.

Os dois estão envergonhados e custa-lhes arrancar uma conversação. Ele explica que acaba de chegar de São Francisco, procedente de Nova Iorque.

Marilyn conhece pouco as duas cidades. Fala-se de coisas sem importância durante a refeição. Acabada esta, David desaparece oportunamente.

A conversação faz-se mais íntima. Marilyn relata a sua vida, a sua triste infância, a sua adolescência, o seu triunfo. Ele escuta-a, olhando-a nos olhos, bebendo as suas palavras. Comove-o a história infeliz da sua nova amiga, e atraem-no a sua sinceridade e simplicidade.

Ela viajou pouco, o trabalho impediu-a, mas desejava conhecer novas cidades.

— São Francisco e Nova Iorque são maravilhosas — disse Joe. — Conheço-as bem. Têm todas as qualidades modernas, mas também há lugares com o encanto romântico doutros tempos. Gostaria de lhe ensinar.

— Espero que haverá ocasião para isso, e creio que não encontraria outro guia mais agradável.

— Bem, mas então estará em dívida comigo — disse Joe. — E para saldá-la antecipadamente deve ensinar-me a ver esta cidade. Não creio que haja outra companhia mais simpática.

É uma daquelas claras noites da Califórnia, em que as estrelas aparecem brilhantes no céu.

Joe conduz o automóvel e passeiam pelas ruas. Ao passar pelo «Sunsea Strip», convida-a a entrar em «Mocambo», «Ciro's» ou qualquer «boite» da moda.

— Prefiro o ssossego da noite — responde Marilyn, olhando as estrelas.

Joe não contesta, sente-se satisfeito com a negativa. Não quer compartilhar com ninguém da companhia desta mulher.

— O meu maior desejo — diz Di Maggio — é acabar o contrato com a tele-



visão. Este passeio pela cidade é demasiado delicioso para renunciar a repeti-lo. Voltarei ràpidamente a Hollywood, e por mais tempo.

Joe volta a Nova Iorque e regressa ràpidamente. Desde este momento cruza contìnuamente o país do Atlântico ao Pacífico.

As entrevistas são contínuas. Não há lugar bastante solitário para gozar tranquilamente a sua mútua presença. O apartamento de Marilyn oferece-lhe um abrigo acolhedor e romântico. Ali escapam da Imprensa e da nuvem de caçadores de autógrafos, que os rodeiam em todas as partes, atrados pela sua fama.

O idílio começa com simplicidade, da mesma forma como se conheceram. São duas pessoas que se admiram mùtuamente, que ao conhecerem-se se sentem atraídas por uma irresistível simpatia.

No apartamento de Marilyn guardam o segredo do seu noivado. Estão enfastiados de quantos sacrifícios impõe a fama. Vêem-se solitàriamente, e passam horas juntos. Marilyn não pode resistir a uma ausência demasiado larga, e voa para Nova Iorque. No aeroporto uma multidão de admiradores aclama-a.

— O que é que mais gostaria de ver em Nova Iorque? — perguntam-lhe os jornalistas.

— Joe Di Maggio — responde ela com entusiasmo.

Joe, cumprindo a sua promessa, faz de guia ideal da cidade.

— Nunca me pareceu tão maravilhosa — confessa Marilyn, ao partir.

Todos os jornais publicam em primeira página a sensacional notícia. O idílio perde todo o encanto e o sabor íntimo da clandestinidade.

Aquele ano foi de intenso trabalho para Marilyn nos estúdios. Chegou a rodar cinco películas: «Não estamos casados», «Quatro páginas da vida», «Don't Bother to Knock», «O Pecado mora ao lado» e «Niagara». A sua fama já havia trespassado os limites da popularidade, mas todavia não se lhe haviam confiado grandes interpretações até chegar a «Niagara». Nesta figurava num trio de «estrelas» com Joseph Cotten e Jean Peters. Com «Niagara» alcançou um êxito de interpretação, fechando a boca a quantos a consideravam inútil para a comédia dramática. Basta dizer que o seu labor esteve à altura dos outros dois grandes actores.

Em 1953, o seu triunfo artístico foi completo. Trabalhou em «Como casar-se com um milionário», «Rio sem regresso», e o seu melhor filme, «Os homens preferem as loiras», que a colocou num plano destacado entre as actrizes de mais simpatia.

Durante as filmagens de «Rio sem regresso», que se realizaram no Canadá, reclamou a presença de Joe a seu lado pretextando ter medo do seu «partenaire», Robert Mitchum.

— Robert Mitchum foi o único homem que me inspirou temor — diz a loira «estrela». — Haviam-me apresentado como um Don Juan, duro e selvagem, e ante ele senti-me amedrontada, por isso reclamei a presença de Joe para que este se interpusesse entre ambos.

Talvez isto seja uma argúcia de mulher para acelerar a boda, talvez seja simplesmente a verdade. O certo é que imediatamente, em 1954, na cidade de São Francisco, contraem matrimónio os dois personagens mais famosos do cinema e do «baseball»: Marilyn Monroe e Joe Di Maggio.

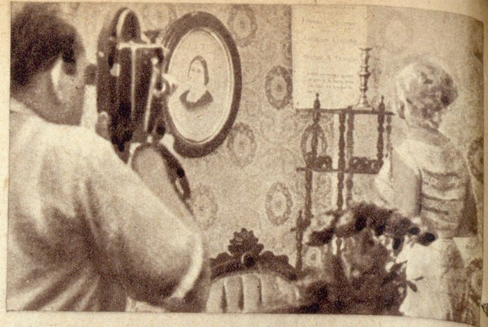
É uma união por amor. Ambos têm gostos parecidos, uma sensibilidade semelhante. Os dois aborrecem a multidão, que os impede de sair da capela e que os aclama fazendo votos pela sua felicidade.

A imprensa universal publica fotos da cerimónia e concede-lhes mais importância do que aos ensaios da bomba H. Marilyn e Joe conseguiram eclipsar da primeira página dos jornais os sisudos editoriais sobre o perigo comunista ou a paz mundial.

A felicidade que os avassala vê-se empanada um momento. Marilyn ingressa num hospital para uma intervenção cirúrgica. A operação corre satisfatória, e imediatamente empreendem a viagem de lua-de-mel. A primeira etapa é o Japão.

O acolhimento japonês é uma demonstração da sua fama e do carinho incondicional do seu público. Imensas multidões juntam-se por onde eles têm de passar, sendo o objecto das maiores mostras de simpatia.

Mas o recebimento nipónico não é nada comparável



No quarto histórico, conservado no mesmo estado depois de cem anos, a «vedeta» observa respeitosamente as recordações de Lincoln.

EM BAIXO: Junto do seu ídolo, sorridente mas de bronze, Marilyn repete, para a rádio, um dos famosos discursos de Lincoln sobre a escravatura.



LINCOLN, ídolo de MARILYN!

Marilyn tem uma fervorosa admiração por Abraão Lincoln, o grande estadista que foi o mais importante presidente dos Estados Unidos. Recentemente, voou de Nova Iorque a Bement, propositadamente para conhecer a casa onde viveu o seu «herói». Damos três imagens dessa visita, que bem desmente a ideia de que Marilyn não passa de uma frívola «pin-up».

ao que lhe dispensam as tropas americanas na Coreia. As autoridades militares rogam-lhe que actue ante os soldados. Marilyn aceita, apesar das moléstias que lhe produz esta atitude na sua viagem de núpcias.

Num palco apresenta-se perante mais de trinta mil pessoas. As aclamações e gritos de tropa são algo impressionantes. Canta várias canções para os soldados, que são acolhidas com aplausos mais entusiastas do que os tributados ao mais heróico general. Todos estão de acordo em que a polícia militar nunca teve tanto trabalho para manter a ordem.

Apesar do forte cordão, a vigilância vê-se incapaz de conter a avalanche, tendo de intervir o general em chefe. Marilyn tem que esconder-se e suspende a sua actuação. Imediatamente deu outra representação com êxito parecido.

Durante estas sessões, Joe mantém-se afastado, sem querer aparecer em nenhum sítio. Mas isto não lhe agrada. Dá-se conta de que Marilyn não lhe pertence por completo, de que o público reclama o ídolo que ele mesmo criou e que a actriz tem que corresponder a tanta fama e tanto carinho.

A viagem da lua-de-mel foi o primeiro golpe. Mas Joe tem esperança de que tudo se arranjará, que as coisas voltarão ao seu lugar. Quer querer que tudo é devido ao momento especial em que se encontram as tropas, ansiosas de regressar aos seus lares.

Joe pensa que voltarão a ser felizes como naquelas horas que passavam juntos no pequeno apartamento de Marilyn. Espera que ali passará o mau sonho da viagem.

Mas em Hollywood, Marilyn reintegra-se no trabalho. A «Fox» quer fazer várias películas e submete-a a duros esforços. O carácter de Marilyn debilitou-se, os seus nervos estão em contínua tensão, e precisa que um psiquiatra a atenda continuamente.

Joe não quer ir ao estúdio presenciar as filmagens, e passa as horas em casa, morto de aborrecimento. Marilyn regressa tarde, cansada, exci-



A «estrela» deixa Bement, onde não se demorou mais que uma hora. Regressa a Nova Iorque, levando debaixo do braço um grande livro com a vida do «seu herói», contada por imagens.



Em filmagens!

Marilyn tem duas qualidades que levam os directores e artistas com quem trabalha a desejar o seu convívio: é invulgarmente afável, e leva muito a sério todos os momentos de trabalho. Nas quatro fotos destas páginas, podemos vê-la durante as filmagens de «Paragem de Autocarro», em momentos de descanso ou preparando-se para actuar diante da câmara. Vemos também o galã Don Murray.

tada, de mau humor, e deve descansar ou estudar guiões; não há lugar para o carinho, não existe o lar: Joe está decepcionado.

— Marilyn, deverias repousar. Deverias deixar tudo. Este trabalho esgotará a tua saúde. Já sofreste bastantes sacrifícios — diz-lhe Di Maggio. — Isto não é o ninho de amor solitário e tranquilo que havíamos sonhado juntos. Já alcançaste a fama. Nada te falta. Empreendamos uma viagem a um lugar onde esqueçamos que no mundo existe o cinema, os estúdios e o público.

— O público — e ao pronunciar esta palavra a voz de Marilyn tem um tom de arrebatamento. — Eu não posso esquecer nunca o meu público. A ele devo tudo. Se não fosse uma actriz famosa nunca te conheceria. Não posso trair a quem me fez um presente assim.

— Mas recorda que somos um casal. Estamos recém-casados, e esta não é a vida de uns recém-casados. Não sei, mas creio que não formamos um par feliz.

— Eu quero-te, Joe, não chega? — disse ela, tristemente.

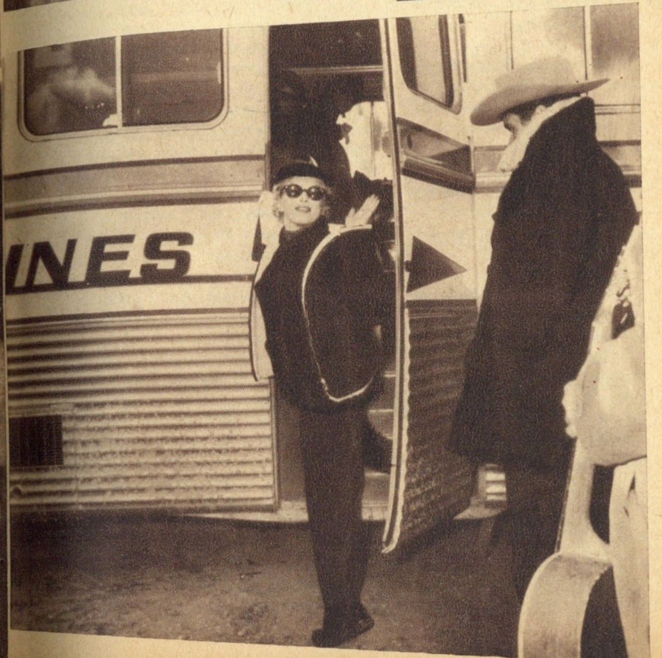
Joe sabe que isso não basta. Para não defraudar o público, defrauda-o a ele. As suas horas mortas em casa fazem-se mais largas e aborrecidas. Vai acreditando que aquilo não tem solução. Existe algo mais importante para Marilyn do que o seu amor.

O golpe definitivo no matrimónio dá-o a filmagem de «O pecado mora ao lado», em Nova Iorque.

Em plena rua, uma grande multidão contemplava os incidentes da rodagem. Ali está também Di Maggio, com a tristeza de quem vê uma coisa sua solicitada por uma força maior.







A cena em que Marilyn passa por cima duma grade donde sai ar, irrita-o. A multidão aplaude quando o ar levanta as saias da actriz. Joe desaparece; não pode resistir. Convence-se definitivamente de que perdeu o seu amor, vencido pelo entusiasmo do público. Compreende que a sua felicidade com aquela mulher, que está tão fortemente ligada ao mundo, não é possível. O cinema triunfou sobre Joe Di Maggio.

Em Outubro do mesmo ano dá-se a separação, ditada por um tribunal do Reno. Os incidentes do divórcio voltam a apaixonar a gente de todos os países. As declarações de ambos aparecem nas revistas e diários. As fotografias mostram Marilyn com as lágrimas nos olhos. Aceitou a separação porque ama Joe e quer livrá-lo do peso que ela significa para a sua felicidade.

Os seus afectos são demasiado fortes. Os seus mundos íntimos não chegam de todo a sê-lo. Joe e o cinema chocam violentamente, são demasiado intensos para cober juntos no seu coração. Um tem de desbancar o outro.

Era inútil que ela se esforçasse por lhe agradar. Era impossível poder aplicar os conselhos que pedia, porque chegava a casa esgotada. A tensão e o esforço que lhe impunha o cinema impedia-a de pôr em prática os seus desejos, e a sua boa vontade via-se travada pelo cansaço.

Muitos pensaram que a sua boda representava o fim da sua carreira cinematográfica, mas estes não conheciam a fundo a «estrela». Não renunciou à glória, que tanto havia desejado e a havia levado à admiração, à opulência, ao bem-estar e à segurança, e que havia traído Joe.

Marilyn reparou prontamente na desilusão que causou ao seu público. Ao vê-la no «écran», todos pensavam que lhes pertencia um pouco e que a podiam aspirar. Di Maggio já desapareceu, e ela volta a ser livre no cimo da fama e da glória, no primeiro posto do firmamento de Hollywood.

Além de Joe Di Maggio, Marilyn decidiu abandonar também a própria casa produtora a que estava ligada: a 20th Century Fox. O contrato com esta casa produtora ligava-a até 1958, e não era muito vantajoso, a respeito do valor comercial da actriz. Aconselhada pelo fotógrafo Milton Greene, ela, há cerca de dois anos, fez declaração de guerra a Hollywood, lamentando-se dos papéis ocos e das mulheres pouco vestidas que lhe eram confiados geralmente, afirmando ser capaz de representar uma senhora inteligente e vestida.

Deixou Hollywood, trocando-a por Nova Iorque, anunciando a intenção, parcialmente mantida, de fundar uma própria casa de produções, a «Marilyn Monroe Productions», de que, naturalmente, Milton Greene se proclamou vice-presidente.

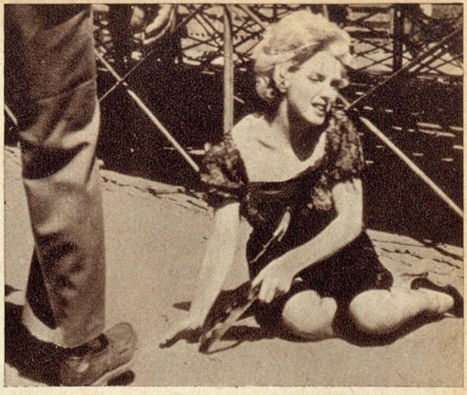
Estabelecida em Nova Iorque, sob a tutela do seu vice-presidente, a Monroe dirige-se ao «Actor's Studio», gerido pelos esposos Strasberg. Marilyn não se contenta com o ter chegado ao sucesso e à riqueza, quer mais, muito mais. Pediu à senhora Strasberg para lhe ensinar a recitar. O «Actor's Studio» é uma verdadeira escola, onde tem passado gente célebre — como, por exemplo, a filha dos Strasberg, Susana, que, aos 17 anos, constitui a grande revelação do cinema americano dos últimos tempos.

Durante as lições ela tomou conhecimento com o comediógrafo Arthur Miller. A amizade nasceu ràpidamente entre os dois. Miller tem uma grande fama nos Estados Unidos: é no teatro um personagem semelhante àquele que Joe Di Maggio é no «baseball»: uma espécie de herói. Para Marilyn o «baseball» deixou de interessar, mas o teatro interessa-a muito: ela sonha, de facto, chegar à Broadway.

Por seu lado, Miller, o célebre autor da «Morte dum caixeiro viajante», o anti-conformista, começou a sentir-se muito atraído pela loira Marilyn. Resultado: depois de 17 anos de casado, Miller divorciou-se para se engolfar numa aventura quase tão perigosa como a sua paixão política, e Monroe penetrou no profundo mar da cultura.

Entretanto, é obrigada a interpretar um filme para a «Fox», pois que romper um contrato em Hollywood é, para uma actriz, uma coisa muito grave, uma batalha perdida. No entanto, aparece agora num papel melhor. Em «Paragem de autocarro», de Joshua Logan, Marilyn, embora mostrando-se, como sempre, pouco vestida e muito vistosa, tem uma interpretação mais complexa, fazendo saber ao público que estudou no «Actor's Studio». Mas isto ainda não podia aplacar a ambição de Monroe. Assim, a «Marilyn Monroe Productions» adquiriu os direitos para as filmagens de «O Príncipe adormecido», a comédia de Terence Rattingan, já apresentada em Londres pelo casal Lawrence Olivier e Vivien Leigh.

O filme conta a curta aventura do soberano dum país imaginário, a Carpázia, que vem à capital inglesa para assistir à coroação do rei Jorge V, e que se deixa envolver num idílio com uma pequena actriz americana. O papel interpretado por Marilyn



NOVOS RUMOS NA SUA CARREIRA: Quando resolveu «declarar guerra» à «Fox», Marilyn partiu para Nova Iorque e estudou intensamente arte dramática. Feitas as pazes com o estúdio, interpretou, com talento, um bom filme, «Paragem de Autocarros» (imagem de cima). A seguir lançou-se à feitura da primeira película da sua própria empresa produtora. Escolheu uma obra séria — «O Príncipe Adormecido», de Terence Rattingan — e um prestigioso realizador e «co-star», Laurence Olivier (que vemos, na imagem de baixo, a dirigi-la numa cena).







Metamorfoses de uma estrela

Estes três filmes podem bem marcar posições distintas na sua carreira cinematográfica. Em «Niagara» (1) não passava ainda de «pin-up» de gosto discutível, sem qualquer espécie de valor artístico; em «O Pecado mora ao lado» (2) aliou os seus encantos físicos ao talento, e revelou-se uma boa comediante; em «Paragem de Autocarros» (3) criou, pela primeira vez, uma figura com bastante interesse humano.



ainda não tem a dramaticidade por ela desejada, mas o contacto e a direcção de Olivier são para ela motivos de grande alegria. Quando ao grande actor inglês lhe foi perguntado se a «senhora Monroe estava a receber a melhor lição da sua carreira», Olivier afirmou: «Perdão, ela não tem necessidade de lições».

E eis como a loira «champagne» passou a lua-de-mel em Inglaterra, combatendo na mais decisiva batalha da sua carreira.

O comediógrafo Arthur Miller, que não é, certamente, um grande campeão de beleza masculina, é, no sector teatral, considerado quase um portento, e dá a Marilyn conhecimentos que a levam a saber da existência de Shakespeare, de Dostojweski e de Einstein.

Ele está ternamente enamorada de seu marido — não do seu aspecto, mas da sua inteligência.



A negra estrela que acompanhou a infância e a adolescência de Marilyn Monroe transformou-se numa luz rutilante.







Cara de trabalho!

Habituados às poses ultra-sugestivas e aos sorrisos pródigos de Marilyn, ficamos surpreendidos com este rosto: gravidade, preocupação, expectativa. No trabalho, Marilyn é assim.

Uma cena... Dois planos...

A ESQUERDA: Num distinto teatro de Londres, Marilyn e o seu vestido audaciosos assistem à estreia de uma peça. Com o seu temperamento irrequieto, a «estrela» volta-se para trás, para deitar uma olhadela pelas outras filas... ou para se deixar fotografar. A seu lado, dois sisudos e misteriosos cavalheiros parecem enfiar-se cada vez mais na cadeira... À DIREITA: Passemos para a frente da fila: descobrimos que os dois circunspectos sujeitos são duas personalidades notáveis — o dramaturgo Arthur Miller, marido da «vedeta», e o actor-director Laurence Olivier. Miller espreita a esposa pelo canto do olho, atento, como sempre, aos seus mais pequenos gestos ou palavras.

Quem sabe é que manda!

Sendo uma «estrela» famosíssima, poder-se-ia pensar que Marilyn é exigente e comodista. Mas não. É das artistas que mais pacientemente se subordinam às necessidades de trabalho e aos ensaios e indicações do realizador, porque, acima de tudo, deseja aprender. Ei-la, na preparação de uma cena de «O pecado mora ao lado», seguindo à risca o que lhe manda o director.



ARTHUR MILLER A SOMBRA PROTECTORA DE MARILYN!



O famoso Arthur Miller não se limita ao seu papel de marido da não menos famosa «star». Tornou-se uma espécie de «anjo da guarda» da mulher. Esta imagem é bem comprovativa dessa constante vigia.



O casal surge numa reunião elegante. Enorme e altivo no seu «smoking» mal engomado, Miller não deixará a esposa exceder-se...

Com o seu inimitável sorriso, a «estrela» parece puxar o marido pela mão. O dramaturgo, qual estátua solene, não se deixa entusiasmar...





O autor de «A Morte de um Caixeiro Viajante» orienta todas as conversas de Marilyn. Ele sabe o que não convém dizer ou, pelo menos, o que «ele acha» que não convém dizer...



Os jornalistas temem estes olhos semi-cerrados, por detrás da barreira de umas lentes grossas, que vedam o caminho para o sorriso da «vedeta»...

Sempre a «sombra protectora» atrás da espectacular actriz. Marilyn, que toda a vida se tem visto abandonada, ansiava por alguém que a protegesse. Mas... não se cansará desta vigilância excessiva?



2 casamentos antagónicos!



O DESPORTISTA

O INTELECTUAL





Após uma primeira experiência matrimonial, quando ainda era demasiado nova para saber escolher o marido que lhe convinha, Marilyn fez dois casamentos desconcertantes pelo contraste que proporcionam. Um, foi com o jogador de «base-ball» Joe Di Maggio, um gigante sem espírito, para quem os músculos eram tudo. Joe queria que ela abandonasse o cinema. O divórcio foi inevitável.



O outro casamento, o actual, foi com um gigante de corpo e de intelectualidade — o célebre dramaturgo Arthur Miller. O escritor não põe obstáculos à carreira de Marilyn, e, pelo contrário, orienta-a passo a passo. Ao mesmo tempo, a «estrela» refina as suas relações sociais e artísticas. Vemos, em cima, Arthur Miller e Marilyn com um casal prestigioso: Laurence Olivier e Vivien Leigh.

No número 8 de Álbum dos Artistas

BURT LANCASTER



A história do «homem duro» de Hollywood

A SEGUIR:

N.º 9 — Elizabeth Taylor ★ N.º 10 — Glenn Ford

N. 7

PREÇO 2$00





